

## O Erotismo e o Feminino

Prof. Dr<sup>a</sup>. Genilda Azeredo (UFPB)  
Mestranda Márcia Cristina Xavier (UFPB)

### **Resumo:**

*No conto O Corpo de Clarice Lispector e na Adaptação fílmica homônima de Antonio Garcia analisaremos os vários signos eróticos (textuais e visuais) que interferem diretamente na caracterização das personagens femininas.*

**Palavras-chave:** erotismo, linguagem, feminino.

### **Introdução**

O conto *O Corpo*, de Clarice Lispector (1974) e a adaptação fílmica homônima de José Antonio Garcia (1991), desenvolvem ao longo da narrativa a temática do erotismo, porém, ao observarmos atentamente este tema, percebemos que ele não se apresenta apenas com esta perspectiva. O erotismo nestas obras é trabalhado através da linguagem, ou seja, dos signos promovidos pela linguagem. Sendo assim, neste artigo procuraremos apontar e discutir como estes signos se apresentam e medram na linguagem verbal e fílmica.

Antes de iniciarmos a análise é importante salientar o que entendemos e conceituamos por erotismo, linguagem e linguagem erótica, sendo assim podemos começar ressaltando que:

As obras (literárias que), a partir do sexo, abordam outros motivos e, por fim, transcendem o caráter exclusivamente sexual são consideradas eróticas, literárias. Isso nos remete mais um vez a Georges Bataille com sua definição da experiência erótica como transcendência da experiência sexual rudimentar, animal. (BRANCO, 1985, p. 18)

Ou seja, o erotismo “deve ser compreendido, pois, como fenômeno cultural, impulso consciente em que nos lançamos na tentativa de transcender os limites da existência” (BRANCO, 1985, p. 17). Em outras palavras, o erotismo implica não só na questão da sexualidade, mas nas questões do ser e do social. Assim quando falamos do erótico estamos observando o homem histórico, a sua inserção no social, as relações humanas. E, como sabemos para que haja esta interação (o homem e o outro) é necessária à comunicação e nela é que encontramos a linguagem.

As definições de linguagem fundamentam-se na noção de sistema de elementos – signos- que se combinam, a partir de convenções – regras -, e que significam. Toda linguagem pressupõe uma organização, conhecida pelo grupo social, que garante a representação e a comunicação. (CAMARGO et al, 2002, p.40)

Tendo este conceito de linguagem fica mais fácil de entender como chegamos ao conceito de linguagem erótica. Desta maneira:

Podemos falar em linguagem erótica porque o erotismo circunscreve-se no social, é codificado por meio de regras, combinação de elementos – os signos – que significam uma convenção e realiza-se como expressão de elementos que se combinam no corpo e representam modos de pensá-lo e de significá-lo. (CAMARGO et al, 2002, p.40)

Sabemos que estes signos podem variar de acordo com determinadas culturas, porém o erótico em todos os lugares do mundo é conhecido e vivenciado de alguma forma pelos sujeitos.

Como toda linguagem, a erótica também é passível de mudanças, altera-se conforme as transformações sociais. Entretanto, seu caráter universal permanece imutável ao longo da história da humanidade. O que muda são as interpretações a respeito do mesmo fenômeno. (CAMARGO et al, 2002, p.41)

Podemos notar que o erotismo se faz de forma dinâmica e social. Assim como afirma Bataille: “o erotismo só pode ser objeto de estudo se, em sua abordagem, for o homem o abordado” (1987, p.8).

Uma das implicações do erótico que iremos acompanhar é a transfiguração de Eros em Thanatos, ou seja, nas representações do amor e da morte, pois “o erotismo se apresenta sob o signo da diferença. Uma diferença dramática, violenta, exagerada e misteriosa” (ALBERONI, 1986, p.9). Segundo a explicação de Bataille: “quer se trate de erotismo puro (de amor-paixão) ou de sensualidade de corpos, a intensidade é maior na medida em que a destruição, a morte do ser transparecem.” (1989, p.13) .

Sendo assim, partiremos para a análise destes signos eróticos no conto e depois na adaptação fílmica, respeitando assim a ordem cronológica de publicação das obras.

## **1 O Erotismo no “*O Corpo*”**

O conto *O Corpo*, de Clarice Lispector, é relatado de forma incisiva e chocante por parte do narrador; porém, no presente texto é através das personagens femininas que observaremos as implicações que o erotismo traz à obra.

No começo do conto, o narrador nos revela a relação dos três personagens e as suas vivências sexuais. Beatriz é descrita através de seu corpo grotesco e Carmem como o seu oposto, a mulher elegante. O modo de vida delas é representado através do exagero da comida e de sexo. O físico e as ações das personagens tendem ao grotesco e, por vezes, à náusea. “Beatriz, com suas banhas, escolhia biquíni e um sutiã mínimo para os enormes seios que tinha.” (LISPECTOR, 1998, p. 22). “Na arte grotesca, [...] o fantástico, monstruoso, macabro, excêntrico, obsceno invadem nossa realidade cotidiana, as suas leis de repente estão suspensas, a ordem habitual das coisas se desfaz”. (ROSENFELD, 1985, p.61). E é nesse caráter monstruoso, macabro e obsceno que encontraremos o grotesco no conto.

Além da imagem dos corpos em exagero, apresentando-se de modo bizarro, na obra encontraremos também a referência à divindade pagã, Dionísio (Baco). Essa imagem dionisíaca nas cenas aparece sobretudo na caracterização do personagem Xavier: “Xavier bebeu vinho francês. E comeu sozinho um frango inteiro. As duas comeram o outro frango. Os frangos eram recheados de farofa de passas e ameixas, tudo úmido e bom.” (LISPECTOR, 1998, p.22). A divindade “Baco era representado vestido com um manto vermelho. Tinha por emblema o vinho, cuja cor vermelha e suas propriedades inebriantes exaltam igualmente o sentimento dionisíaco. O vinho vermelho, sob certos aspectos, é a imagem do sangue”. (ROUSSEAU, 1980, p. 77.). Já o recheio do frango, “úmido e bom”, nos remete a uma imagem erótica ligada à sexualidade feminina. No conto encontramos não só estes exemplos, mas várias outros (frases e palavras) que nos remetem ao erotismo: “excitou-se”, “sexo”, “foram os três para a cama”, “Cada noite era uma. Às vezes duas vezes por noite”, “prostituta”, “camisolas cheias de sexo”, “homossexuais”, “faziam amor”, “nua”, etc.

Além destes pontos citados há outros elementos recorrentes na narrativa que trazem este caráter erótico, um deles é a cor vermelha representando o sangue, a paixão e Xavier: “era um homem truculento e sanguíneo” (LISPECTOR, 1998, p. 21).

Sendo assim, para compreendermos o erotismo nas personagens femininas, precisamos passar pela erotização da imagem de Xavier. Desta forma, primeiramente, vamos analisar a figura masculina: “Xavier engordou três quilos e sua força de touro acresceu-se”. (LISPECTOR, 1998, p. 26)

Este personagem é caracterizado como um animal, a imagem do touro reprodutor, da fertilidade. Fertilidade esta confirmada no corpo, ou seja, no corpo que aduba e fertiliza a terra úmida e cheirosa: “Beatriz teve a idéia de plantarem rosas naquela terra fértil”. (LISPECTOR, 1998, p.27)

Xavier agia instintivamente e a sexualidade era o que o motivava. A prostituta que surge posteriormente na história vem para revelar o universo masculino machista do personagem e para enfatizar a imagem que ele faz de Carmem e Beatriz, a da “mulher dona de casa”. Apesar de serem duas personagens, elas desempenham e agregam o papel de uma, a da esposa. A identidade social e institucional de esposa sobressai, eliminando as identidades individuais das personagens. Elas só passam a ser dois “corpos diferentes” quando mantém relações sexuais uma com a outra: “E, apesar de não serem homossexuais, se excitavam uma à outra e faziam amor. Amor triste”. (LISPECTOR, 1998, p. 23). Nesta passagem o narrador revela que entre Carmem e Beatriz não há a união dos corpos na imagem sexual do encaixe, elas representam aqui o prazer, prazer este incompleto.

Voltando ao universo masculino, o que justifica a traição de Xavier é o fato de o mesmo ser um homem viril e machista. Ele não era um homem sensível, mesmo apresentando um gosto *ou* outro refinado, como é o caso do gostar de tangos. Na verdade, ele permanecia como um homem truculento. Seu aspecto masculino viril se dá a partir da sexualidade exacerbada e através da figura da prostituta, a outra.

A relação idealizada por Xavier não era a mesma sonhada por Carmem e Beatriz, pois para elas os papéis da mulher e da amante estavam resumidos em suas figuras. A descoberta da traição de Xavier abre possibilidade à *hybris* nas personagens femininas. A ira e o ódio passam a ser os novos sentimentos da relação. Segundo Lucia Castelo Branco (1985, p. 63):

A força de Thanatos revela-se também na posse amorosa que desemboca, com frequência, nas manifestações violentas dos chamados crimes “por amor”, ou do suicídio. Os amantes, quando se deparam com a impossibilidade da posse real do ser amado, terminam, muitas vezes, por preferir sua morte à sua perda.

O amor se transforma em ódio, em outras palavras, Eros passa a ser revelado por Thanatos. Esta consideração traz ao erotismo outro componente de suas bases, a morte, pois “vida e morte estariam, portanto, na origem da existência erótica, e seria através da busca da continuidade versus o caráter descontínuo dos indivíduos que esses dois impulsos se concretizam” (BRANCO, 1985, p. 60). Fato este que justifica a relação de amor e ódio existente nas relações que envolvem intensamente a sexualidade. Sobre isto Williams (2002, p. 150) afirma que:

Entre homens e mulheres há apenas o que se toma um do outro, e a reação a isso é o ódio. Em nenhuma outra parte da literatura moderna esse ritmo se fez ouvir de forma mais poderosa. A dança da excitação sexual é, mais uma vez, a dança da morte.

O que ocorre nesta “transformação” é que “Eros tende a unificar o que é disperso e a constituir unidades cada vez maiores, se opondo a Thanatos, que tende a destruir os laços, perseguindo a finalidade da desunião” (LEJARRAGA, 2002, p.143). No conto, percebemos que o amor dos três é destruído e transformado em ódio, principalmente através das personagens femininas Carmem e Beatriz. Neste momento é que Thanatos como sinônimo de ódio e agressividade é consequência da pulsão de morte. Morte esta necessária para se estabelecer novamente a “ordem” na vida das personagens.

Como um relato de um sacrifício, Carmem e Beatriz planejam a morte de Xavier. Elas discutem a quem oferecer a ação: se a Deus ou ao Diabo. Porém, Carmem justifica esta morte como uma ordem divina, pois “Deus é o dono de tudo. Do espaço e do tempo”. (LISPECTOR, 1998, p. 26). Com golpes de faca elas o matam: “O rico sangue de Xavier escorria pela cama, pelo chão, um desperdício”. (LISPECTOR, 1998, 26). O instrumento mortal utilizado no crime é um símbolo representativo do masculino que nos remete à imagem do falo. O sangue como símbolo da fertilidade é desperdiçado no ato do sacrifício. Esta passagem nos conduz novamente a uma associação à imagem do animal que nas sociedades primitivas era levado para o sacrifício e oferecido aos deuses como sinônimo de fertilidade para o povo. Segundo Lúcia Branco (1985, p. 70): “O sentido do sacrifício, nesses casos, consiste na representação e contemplação da morte [...]”

Continuando com a explicação de Branco (1985, p.71) em relação ao erotismo em associação à morte, evidenciamos que o erotismo: “reside agora na morbidez das caveiras, na putrefação dos cadáveres, na hemorragia dos corpos. Um erotismo evidente apenas para aqueles que, pudores à parte, souberam compreender as raízes comuns do amor, da vida e da morte”. Neste caso, “A morte, por oposição, é uma espécie de realização, capaz de trazer, comparativamente, ordem e paz” (WILLIAMS, 2002, p. 144). Ou seja, a morte de Xavier foi necessária para que a ordem se estabelecesse para Carmem e Beatriz. O relacionamento deles encaminhou os fatos para o trágico; a traição de Xavier foi o que despertou a ira feminina e essa cólera excessiva fez com que Carmem e Beatriz não tivessem piedade em cometer o assassinato; apenas o que sentiam na hora do crime era repulsa por Xavier. Em outras palavras, “não há justiça ou lei externa, mas há dor e vingança, abandono e ódio: a luta humana, sem artifício ou sutilezas” (WILLIAMS, 2002, p. 148). Para o mesmo autor (2002, p. 159),

A tragédia de pessoas isoladas, que começou nas lutas de um espírito desejoso, acaba como uma luta feroz e animalesca e como uma recaída: no ato sexual em si, onde há uma comunicação na qual o espírito falhou tragicamente; um ato de vida e ou de morte, nos mesmos ritmos, o combate tenso e cruel consumado por fim em recaída. O que nos espera, ao final do sexo e da feroz e ralada luta pela vida, é a morte.

Percebemos ao longo da narrativa que os fatos tendem a caminhar para a morte de um personagem. Verificamos estes indícios logo nos primeiros parágrafos através dos comentários do narrador que ressalta que o tempo passa e ninguém morre, como se naquela relação haveria de ter um desfecho e este fosse a morte de um dos personagens. Sendo assim, a atitude de Carmem e Beatriz vem a realizar esta necessidade, o fim da relação luxuriosa dos três.

Depois de matá-lo, Carmem e Beatriz enterram o corpo, e no local da cova, Beatriz tem a idéia de plantar rosas: “O pé de rosas vermelhas parecia ter pegado. Boa mão de plantio, boa terra próspera” (LISPECTOR, 1998, 27). Outro fato interessante que este trecho nos traz (além de enfatizar a associação do corpo de Xavier à fertilização) é a relação da cor vermelha (as rosas, o sangue) e seus significados na narrativa. Segundo René Rousseau (1980, p.81) “o vermelho que exprime o egoísmo, o amor infernal e o fogo do inferno é a mesma cor que fala a língua do amor divino, do altruísmo e do sacrifício”. Em vários momentos no conto encontramos as diferentes significações que esta cor implica na cena. Em alguns momentos temos o vermelho do amor, do sangue como vida e também do sangue como morte. Xavier bebe vinhos e os três (Carmem, Beatriz e Xavier) comem também rosbife. Xavier é sanguíneo, as rosas são vermelhas, o caderno de Carmem é encadernado de vermelho e por fim temos o rico sangue de Xavier. Todas essas passagens enfatizam a relação que a cor tem com a idéia de amor e morte, além de também remeter a um tom de sexualismo. Continuando a explicação de Rousseau (1980, p. 82),

O vermelho exprime simultaneamente o amor a Deus e ao próximo; a coragem e também a crueldade, a cólera, o homicídio e o massacre. O vermelho é a cor sublime quando as forças que ele simboliza estão voltadas para Deus. Para os místicos ela representa a terceira etapa, a terceira esfera ou ainda a terceira

clausura da regeneração. Mas ela também é o fogo mau, o fogo de Vulcano, a expressão do Eu luciferiano e das chamas da luxúria.

A vida luxuriosa vivida pelos personagens, o ódio e a morte serão simbolizadas pelo vermelho. Outra cor que é mencionada na narrativa é a amarela: “Carmem e Beatriz sentaram-se juntos à mesa da sala de jantar, sob a luz amarela nua, estavam exaustas. Matar requer força. Força humana. Força divina”. (LISPECTOR, 1998, p. 26). A cor amarela apresentada no conto tem dois sentidos: um divino e outro infernal. Divino no que se refere à luz, energia que ilumina. O outro significado é o de traição e adultério. Neste momento as personagens parecem banhadas pelo sentimento de bênção divina como também pelo ato de violência.

Como podemos observar, o erotismo não só se apresenta como sinônimo de vida e morte, mas também pode ser visto na putrefação dos corpos, no cadáver. No trecho do conto: “E viram Xavier. Estava horrível, deformado, já meio roído, de olhos abertos”. (LISPECTOR, 1998, 28), verificamos outra forma de retratação do corpo, desta vez, podemos dizer que:

O pavor diante das imagens de putrefação de corpos relaciona-se, segundo Bataille, às insinuações de prazer por essas mesmas imagens produzidas [...] por uma lado nós repudiamos essas imagens e, por outro, nos mantemos presos a elas pela fascinação, pela perturbação soberana que nos causam. (BRANCO, 1985, p. 65)

E é neste momento que temos a transformação nítida de Eros em Thanatos. Na explicação de Lúcia Branco (1985, p.69) sobre o erotismo e as suas relações com a morbidez, percebemos que:

A minuciosa descrição do aspecto corrosivo e desagregador da morte, aliada a um erotismo negro, a uma sensualidade às avessas, reforçam a violência e o caráter ruptor do impulso erótico. Eros faz-se expressar, mais uma vez, através dos movimentos de Thanatos.

Em muitos casos, os instintos de violência levam a atitudes extremas, o que inclui a morte, ou seja, o derramamento de sangue, marca esta característica do erotismo. Segundo Branco (ibidem): “Além das imagens da caveira e corpos em decomposição, é comum encontramos detalhadas cenas de sangue na literatura [...], já que o sangue é também índice de violência, desagregação e morte e, portanto, de erotismo”.

Podemos perceber que o erotismo implica em várias outras questões: amor e ódio, além da sexualidade. E o erotismo nas personagens é construído através destas relações citadas (vida e morte) que se originam em relações estabelecidas com o Outro e com o contexto social em que se inserem.

## **2 Como o Erotismo se desenvolve no filme**

No filme *O Corpo*, de José Antonio Garcia, o erotismo é encontrado na mise-en-scène, ou seja, na encenação (vestuário, cenário e as cores).

Observando, primeiramente, o interior da casa das personagens Beatriz, Carmem e Xavier, notamos que em alguns momentos a ambientação se faz realista, ou seja, “o cenário não tem outra implicação além de sua própria materialidade, não significa senão aquilo que é” (MARTIN, 2003, p. 63). Porém, em outros trechos encontramos um tom expressionista do quadro dos cômodos, da frente da casa e do jardim, em outras palavras, o “cenário é construído artificialmente, tendo em vista sugerir uma impressão plástica que coincida com a dominante psicológica da ação” (MARTIN, 2003, p. 63). Os cômodos são apresentados através de cores contrastantes e muitos detalhes em tons vermelhos, tais como: no sofá, almofadas, abajur, cortinas, lençóis, rosas e almofadas. Enquanto na maioria dos cômodos vemos a forte presença do vermelho, que traz uma atmosfera de erotismo e paixão, nas cenas da cozinha temos objetos cênicos de aspectos envelhecidos e a parede é branca e suja. Este local de aparência velha e imunda nos remete a uma

imagem de impureza. Impureza esta que pode ser relacionada a relação deles (Carmem, Xavier e Beatriz) e, no caso, aos “três mosqueteiros” (Carmem, Beatriz, Xavier e a prostituta - Monique), citada numa fala do personagem Xavier.

Uma parte do cenário externo que apresenta um aspecto tenebroso e sinistro é a frente da casa e o jardim. Cheio de árvores grandes, no jardim, avistamos apenas um mato rasteiro que, filmado em plano aberto, dá a impressão que é de tom cinza. E, é neste local, o jardim, onde Xavier é enterrado e é na casa da família onde ocorre o crime, o enterro e o luto. Nas primeiras cenas do filme, mostra-se a frente da casa, com a parede lateral coberta por plantas popularmente conhecidas como trepadeiras, e no canteiro perto da janela encontramos flores vermelhas, brancas, laranjas e rosas. Já nas últimas cenas não encontramos mais estas flores, apenas rosas vermelhas.

O vermelho recorrente no cenário e figurino das personagens chama a atenção e por hora simboliza a vida e o por outros momentos é a caracterização da morte. O amor se transformou em agressão e violência. Segundo Lúcia Castelo Branco (1985, p. 63):

A força de thanatos revela-se na posse amorosa que desemboca, com frequência, nas manifestações violentas dos chamados crimes “por amor”, ou do suicídio. Os amantes, quando se deparam com a impossibilidade da posse real do ser amado, terminam, muitas vezes, por preferir sua morte à sua perda.

Eros, o amor, têm o vermelho como sua representação, assim como Thanatos tende para a morte. Os elementos que nos remetem a este tipo de erotismo são: os lençóis da cama, as roupas e o batom de Carmem e as rosas que ornamentam a casa. Como significantes da morte temos: o sangue de Xavier derramado e as rosas que são colocadas em sua cova. Rosas estas que, ao serem plantadas, logo voltam a florir, pois o corpo de Xavier serve de adubo para as plantas. Ele fertiliza a terra. Apesar destes signos a morte do personagem foi “objetivada”, ou seja, “procedimentos [...] vêm a sobrepor a imagem da vítima” (MARTIN, 2003, p.195). Pois no filme vemos a imagem de Xavier e sua morte anunciada na simulação dos golpes de facadas e em seguida no sangue espirrado em Carmem e Beatriz.

A morte do personagem no filme assim como no conto, é apresentada como um sacrifício. Como menciona Carmem: “Deus manda”, “Matar requer força, força divina”. Como um ritual, elas matam Xavier e preparam o corpo para enterrá-lo (colocam roupas e calçados novos e pintam os cabelos e bigodes do defunto).

Percebendo que Xavier não pertencia apenas às duas, a sua morte foi inevitável para estabelecer novamente a ordem. Ao vestirem-se de preto, Carmem e Beatriz mostram o luto pela morte do amado e não o arrependimento, pois segundo Carmem, este ato era necessário. Para Lúcia Castelo Branco (1985, p. 82):

A violência, a agressividade e o sentido de ruptura que existem na base do impulso erótico, funcionam nas obras [...], como desnudamento dessa sociedade falsamente puritana e como escoamentos da sexualidade fervorosamente reprimida até então.

Indo de encontro aos preceitos cristãos os personagens se dão intensamente aos desejos da carne praticando prazeres intensos e subvertendo a imagem do corpo como templo divino. As atitudes do erotismo e da morte estão presentes nas transgressões cometidas pelos mesmos, pois apesar de a sociedade tentar reprimi-los, eles permaneceram agindo como se a bigamia fosse algo aceitável pela sociedade.

Ainda ressaltando os significados da cor vermelha no filme, vale ressaltar mais sobre o vestuário das personagens. As roupas, acessórios, batom e ou unhas de Carmem que estão em praticamente todas as cenas de vermelho. Este traço característico do vestuário da personagem é simbólico, pois “a exatidão histórica não importa, [...] o vestuário tem antes de tudo a missão de traduzir simbolicamente caracteres, tipos sociais ou estado de alma.” (MARTIN, 2003, p.61). No

caso de Carmem, o vermelho representa uma mulher forte, elegante e fatal. A personagem passa a usar roupas pretas apenas no luto, porém continua com o batom e unhas vermelhas.

Outra referência ao vermelho acontece no diálogo encontrado nas últimas cenas. O que no início do conto é uma palavra citada pelo narrador se transforma no filme na fala do delegado que ao ver o corpo de Xavier já em decomposição comenta com o secretário da farmácia: “É! homem forte, sanguíneo. Boa pessoa apesar de... minhas condolências”. Observamos neste trecho ecos da descrição feita do personagem Xavier pelo narrador. Sua imagem é retratada e conhecida pelos demais como um homem viril, vermelho, vivo, algo que pode remeter ao simbolismo de Marte, que é mitologicamente o deus viril e guerreiro. Segundo Lucien Rousseau (1980, p. 78):

Ele é o deus divino, mas também o da geração, o deus masculino. Ele personifica o calor do sangue, no sentido sexual que se dá a essa palavra. Ele seduziu Vênus e foi surpreendido perto dela por Vulcano que, para vingar seu amor próprio, enrolou os dois amantes com uma rede invisível e os expôs assim à zombaria do Olimpo. O símbolo que se oculta sob essa fábula é transparente. Essa rede invisível é, simplesmente, a fatalidade da carne e do sangue que empurra um sexo para o outro e os une com laços difíceis de serem rompidos.

Essa sexualidade exacerbada e a virilidade de Xavier é uma característica constante da personagem.

Outro aspecto importante encontrado no filme e conto são as referências diretas à sexualidade. No conto verificamos estas referências em alguns diálogos dos personagens e através dos relatos feitos pelo narrador dos casos de Xavier com suas esposas, amante e entre elas. No filme temos cenas que sugerem a prática de sexo entre as personagens Carmem e Beatriz e entre os três, porém são nas cenas em que Xavier sai com a prostituta que encontramos imagens mais ousadas e picantes. Através destas cenas é possível conhecer que tipo de relação Xavier tem com suas esposas e com a amante. Percebemos que com Monique é apenas prazer enquanto que com suas mulheres o relacionamento apresenta alguns traços de afetividade.

Uma outra cena interessante do filme que desenvolve bem a questão do erotismo e suas implicações é quando Carmem e Beatriz estão em casa preparando a comida para Xavier e no rádio da cozinha toca a música *Ave Maria* cantada por Ângela Maria. Nesse momento as personagens cantam juntas o seguinte trecho da música: “Ave Maria dos seus andores, rogai por nós os pecadores, abençoai essas terras morenas, seus rios, seus campos e as noites serenas, abençoai as cascatas e as borboletas...”.

Nesse trecho é possível observar o papel dramático que a música representa na cena, pois “a música intervém como contraponto psicológico para fornecer ao espectador um elemento útil à compreensão da tonalidade humana do episódio” (MARTIN, 2003, p. 125). Ou seja, ela enaltece a questão do certo x errado, pecado e perdão (a contrariedade) debatido e apresentado na cena anterior através do diálogo apresentado entre a esposa e o delegado. Júlia condena a presença dos três na missa do domingo. Ela menciona que este é um momento destinado à família que segue os preceitos cristãos, fato este que exclui a presença de Carmem, Xavier e Beatriz.

Outro significado para a cena é a ressalva quanto à religiosidade das personagens. Carmem e Beatriz acreditam em Deus, nos preceitos cristãos, porém esta fé não é sinônimo de repressão ou condenação para elas, mas sim de bênçãos e felicidades.

## **Conclusão**

Sendo assim, podemos concluir afirmando que foi possível perceber que no filme o erotismo também se perfaz na dialética vida/morte assim como no conto. Estes símbolos presentes na

temática da narrativa fílmica e verbal são elementos estéticos, validando assim o erotismo como linguagem nos quais os signos são modificados de acordo com o contexto e cultura. Enquanto as figuras femininas são em ambas as obras o ponto fulcral desta representação do erotismo.

### ***Referências Bibliográficas***

- [1]. ALBERONI, Francesco. *O Erotismo: fantasias e realidades do amor e da sedução*. São Paulo: Circulo do Livro, 1986.
- [2]. BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- [3]. BATAILLE, Georges. *A literatura e o Mal*. São Paulo: L&PM, 1989.
- [4]. CAMARGO, Francisco Carlos. HOFF, Tânica Márcia Cezar. *Erotismo e Mídia*. São Paulo: Expressão & Arte, 2002.
- [5]. BRANCO, Lucia Castello. *Eros travestido: um estudo do erotismo no realismo burguês*. Belo Horizonte: UFMG, 1985.
- [6]. LEJARRAGA, Ana Lilá. *Paixão e Ternura: um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.
- [7]. LISPECTOR, Clarice. *A Via Crucis do Corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- [8]. MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- [9]. *O CORPO*. Direção: José Antonio Garcia. Produção: Aníbal Massaini e Adone Fragoso. Interpretes: Antonio Fagundes, Marieta Severo, Cláudia Jimenez, Carla Camurati e outros. Roteiro: Alfredo Oros. Brasil: Riofilme, 1991. 1 DVD (80 min), son., color., 35 mm. Produzido pela Cinearte Produções Cinematográficas Ltda e Olympus Filme Ltda. Baseado no conto “O Corpo” de Clarice Lispector.
- [10]. ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- [11]. ROUSSEAU, René-Lucien. *A linguagem das cores: energia, simbolismo, vibrações e ciclo das estruturas coloridas*. São Paulo: Editora Pensamento, 1980.
- [12]. WILLIAMS, Raymond. *Tragédia Moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.